

Expansão da economia só é esperada para 2004

Analistas prevêem que a queda dos juros terá impacto pequeno sobre a atividade neste ano

Depois do anúncio do corte de 26,5% para 26% ao ano na taxa Selic pelo Comitê de Política Monetária (Copom) na quarta-feira, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que a "economia agora vai para frente". Os analistas advertem, no entanto, que a redução dos juros deverá ter um impacto mais forte sobre a atividade econômica apenas em 2004, e desde que as taxas continuem em queda nos próximos meses. O efeito do afrouxamento da política monetária iniciado nesta semana pelo Banco Central (BC) terá pouco efeito sobre a economia neste ano.

O economista-chefe do ABN Amro Bank, Mário Mesquita, aposta num crescimento de 3,5% a 4% em 2004, bem mais forte do que o 1,8% projetado para este ano. Com a expectativa de redução dos juros e de queda dos depósitos compulsórios dos bancos daqui para a frente, a economia vai reagir gradualmente nos próximos meses, afirma ele. Mesquita acredita que o PIB, que já caiu 0,1% no primeiro trimestre do ano em relação ao anterior, deve recuar também no segundo, o que caracteriza uma recessão. "O terceiro trimestre deve registrar estabilidade e, ao que tudo indica, o quarto vai mostrar uma retomada mais forte".

O analista diz que o impacto mais significativo vai ocorrer em 2004, mas ressalta que há um efeito sobre as expectativas dos agentes econômicos que já começa neste ano. O comportamento dos juros é percebido como um indicador da demanda futura e de maior ou menor segurança quanto ao emprego, afirma ele. Com juros em queda, os consumidores tendem a se sentir mais confortáveis para gastar e as empresas a investir.

O economista Roberto Padovani, da Tendências Consultoria Integrada, diz que o início do processo de queda dos juros pode aumentar a confiança do consumidor já em 2003. Além disso, as taxas de juros de longo prazo tendem a cair e a se consolidar num nível mais baixo. Como bancos e financeiras captam recursos com base nessas taxas para emprestar, o custo de financiamento pode cair. "Mas o impacto mais significativo virá realmente em 2004." Mais cauteloso, Padovani prevê um cresci-

mento de 1,5% em 2003 e de 2,5% em 2004.

Outros problemas – Economistas e consultores advertem que os juros não são os únicos inibidores do crescimento. A longa lista inclui desde a inflação, que corrói a renda do trabalhador, até a necessidade da aprovação das reformas estruturais. "É bobagem achar que o Brasil vai crescer agora só porque os juros caíram 0,5 ponto percentual. É preciso ver se vai no Congresso com a aprovação das reformas", afirmou o ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda Winston Fritsch.

Segundo ele, o Brasil precisa parar de reagir à beira do precipício e começar a criar as bases para um crescimento sustentado. O executivo concorda que os juros aumentaram a desaceleração do nível de atividade, mas acredita que a principal vilã foi a disparada da inflação, que abocanhou boa parte da renda do brasileiro. "Isso sim teve um impacto gigantesco sobre o consumo nos primeiros meses deste ano."

A redução de meio ponto da Selic frustrou parte dos analistas, que já viam espaço para uma atitude para um corte mais agressivo. O economista Daniel Thá, da consultoria Global Invest, diz

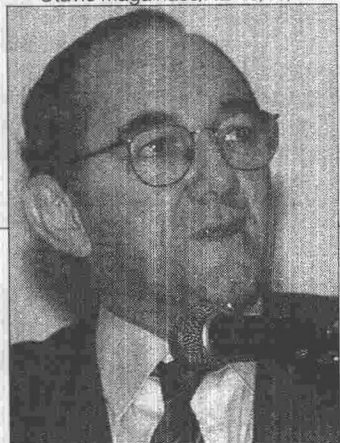
que o Brasil poderia crescer cerca de 3,5% ao ano se os juros estivessem na casa de 17% ao ano.

O estudo da Global Invest mostra que a média do crescimento do PIB brasileiro desde 1999 foi de 2,01%, taxa considerada baixa para países emergentes. No mesmo período, a variação da taxa dos Certificados de Depósitos Interbancários (CDI), a taxa negociada entre bancos, ficou em 19,75% ao ano. Hoje, essa taxa é de

25,9%. Segundo ele, a média de crescimento de 2,01% em quatro anos não absorve nem o aumento da População Economicamente Ativa (PEA).

O presidente da Confederação Nacional das Bolsas (CNB), Carlos Reis, acredita que uma redução do percentual de recolhimento compulsório sobre as contas correntes e os CDBs também seria importante para impulsionar o crescimento. Com alíquotas menores do compulsório, o volume de dinheiro em circulação na economia aumenta, o que tende a reduzir os juros cobrados nos empréstimos. "Isso tem um efeito mais imediato sobre a economia, pois libera mais dinheiro para o crédito", explicou. (Sergio Lamucci, Mônica Ciarelli e Adriana Chiarini)

Otávio Magalhães/AE-13/09/2002



É bobagem achar que o País vai crescer agora só porque os juros caíram meio ponto

Winston Fritsch, ex-secretário de Política Econômica

A EVOLUÇÃO DA ECONOMIA

A comparação dos juros, inflação e crescimento desde 1997 (em %)

